A ORIGEM DA IDOLATRIA

MAURO MEISTER

VIDA NOVA

A ORIGEM DA IDOLATRIA

MAURO MEISTER

VIDA NOVA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Meister, Mauro
A origem da idolatria / Mauro Meister. — São Paulo: Vida Nova, 2017.

ISBN 978-85-275-0798-1

1. Idolatria 2. Vida Cristã 3. Cristianismo I. Título

17-1574 CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida Cristã

©2017, de Edições Vida Nova

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 75, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2017

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21. As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram extraídas da Almeida Revista e Atualizada (ARA) e da Almeida Revista e Corrigida (ARC).

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Cristina Ignacio
Fernando Mauro S. Pires

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Caio Barrios Medeiros
Marcia P. B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Josemar de Souza Pinto

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO

Sonia Peticov

CAPA
Souto Crescimento de Marca

CONVERSÃO PARA EPUB
SCALT Soluções Editoriais

Sumário

Agradecimentos
Prefácio
Introdução

1. A origem e as consequências da idolatria
2. A realidade da idolatria e como vencê-la
3. A idolatria que resulta de teologia, espiritualidade e ética equivocadas
4. A loucura da idolatria e o que Deus espera de nós

Para se aprofundar no tema

Agradecimentos

Tanto a agradecer! Tantos a agradecer. Não agradecer seria presumir que fiz algo só, por mim mesmo e para mim mesmo. Seria mais um ato de idolatria. Mas já vivi o suficiente diante de Deus para ter aprendido, pelo menos na teoria, que tudo à minha volta torna-se minha referência e que todas as coisas com referência no Criador de todas as coisas fazem sentido. Assim, pela ordem da estrutura criada, agradeço àquele que me criou para não ser idólatra e me redimiu da idolatria. Que amor! Agradeço à minha família, esposa e filhos amados, por serem o meu teste contra a idolatria. Estes conhecem de perto todas as minhas maiores fraquezas. Que conforto! Agradeço a igreja que aprendo a amar mais profundamente a cada dia, Igreja Presbiteriana da Barra Funda, em São Paulo, por ser o corpo no qual aprendo a adorar o Criador e amar ao próximo como a mim mesmo. Que deleite! Agradeço também aos meus irmãos colegas de ministério e trabalho diário, que apontam com facilidade minhas idolatrias e me corrigem. Que providência!

Agradeço aos irmãos de Edições Vida Nova, que, ao ouvirem minha palestra, conseguiram enxergar nela uma obra introdutória sobre o tema da idolatria. Jonas, Sérgio e Celso foram os culpados. Outros, com paciência muito mais do que merecida, aguardaram, trabalharam e fizeram com que a palestra se tornasse livro: Caio Barrios Medeiros, que transcreveu a palestra, Cristina Ignacio Cruz e Fernando Mauro Pires, que fizeram com que as palavras se tornassem texto, e o pastor Josemar de Souza Pinto, que cuidadosamente revisou as provas! Muito obrigado!

Prefácio

Alguém poderia argumentar, com certa segurança, que os evangélicos não são idólatras. Ao que parece, a razão dessa segurança estaria ancorada no fato de não termos imagens em nossos templos, de não nos curvarmos diante de estátuas feitas por mãos humanas ou de não acendermos vela para nenhum ídolo de barro ou metal.

Todavia, tal segurança está alicerçada em uma leitura demasiado superficial das Escrituras. O exame cuidadoso da Palavra de Deus é suficiente para revelar que, antes de ser um artefato de nossas mãos, o ídolo é um artefato do coração. Em outras palavras, não são apenas nossas mãos que fabricam ídolos; nosso coração também.

Quando compreendemos que o coração é, como diz João Calvino, "uma fábrica de ídolos", damos o primeiro passo na direção do entendimento bíblico da idolatria. Tal entendimento revela ser possível que evangélicos sejam idólatras ainda que não tenham imagens em seus templos, não se curvem diante de estátuas feitas por mãos humanas e não acendam velas para nenhum ídolo de barro ou metal.

A visão bíblica da idolatria revela, portanto, que é possível ser idólatra sem usar as mãos. A propósito, é relativamente fácil destruir um ídolo feito de barro. Uma marreta, por exemplo, seria bastante útil e eficiente para destruí-lo. No entanto, como destruir os ídolos feitos com o material do coração? Como derrubar os falsos deuses que o coração confecciona a fim de nos fazer curvar diante deles?

As respostas a essas perguntas só podem ser eficazes se estiverem pautadas em uma teologia bíblica da idolatria. Essa teologia, por sua vez, começará ensinando que as origens da idolatria remetem aos dias em que o homem ainda gozava do privilégio de viver no jardim do Éden segundo a bênção de Deus. Ora, é exatamente isso que o dr. Mauro Meister se propôs fazer neste opúsculo: mostrar

que a idolatria aparece na Bíblia desde Gênesis 3.1-7.

Com a profundidade, a clareza e a competência que são marcas incontestáveis de sua atuação como pastor e teólogo, Meister oferece ao leitor uma valiosa análise bíblica da idolatria. O livro é fruto de uma palestra a que tive a oportunidade de assistir. O que mais me impressionou naquela ocasião — e ainda mais agora, depois da leitura deste livro — é a ligação que Meister estabeleceu entre Gênesis 3.1-7 e Romanos 1.18-32.

Espero que, ao terminar a leitura deste livro, você tenha a mesma sensação que eu tive, expressa pelo seguinte pensamento: "Como não percebi isso antes?". E mais: que, ao término da leitura, você possa saber não somente como identificar os ídolos do coração, mas também como destruí-los.

A Deus toda honra e glória!

JONAS MADUREIRA

Introdução

A ilusão de que não somos idólatras

Você pode ser rei no país do futebol.
Pode ser viciado em bingo e nunca ver a luz do Sol.
Você pode ser um mago e vender livros de montão.
Pode ser uma *socialite*, enriquecer vendendo pão.

Mas um dia vai servir a alguém.
É, um dia vai servir a alguém.
Seja ao Diabo
ou seja a Deus,
um dia você vai servir a alguém.
[...]
Você pode desejar a cura com Lacan.
Você pode procurar os serviços de um xamã.
Você pode ser um pregador, chutar os santos do altar.
Você pode ter um bom discurso, você pode nem saber falar.

Mas um dia vai servir a alguém. É [...]

Você pode ser demente, pode ser doutor.
Você pode ser sincero, pode ter rancor.
Você pode ser um crente, você pode ser ateu.
Pode ser um leitor vaidoso ou uma miss que nunca leu.

Mas um dia vai servir a alguém. É...[1]

A versão de Vitor Ramil e Lenine para a canção de Bob Dylan (*Gotta serve somebody*) cabe como uma perfeita introdução para o tema deste livro. Em seus versos, vemos retratada a realidade de todo homem: isto é, o fato de que um dia eu e você serviremos a alguém. Talvez os compositores não saibam quanto estão perfeitamente corretos à luz da teologia cristã: uma vez que todos fomos criados para servir — no sentido bíblico de adorar —, não há ser humano que não sirva (adore) a alguém ou a alguma coisa. O único reparo pode ser o fato de que ainda não percebam que o verbo deve ser usado no presente: já servimos a alguém.

No projeto original da Criação, o homem deveria adorar somente a Deus, o Criador de todas as coisas, mas, com a Queda, houve uma separação que acabou por obscurecer a visão humana de quem deveria ser adorado. A inclinação para adorar permanece no coração dos seres humanos, mas, como cegos, todos erram o alvo, sem nem ao menos se darem conta disso. Qualquer adoração e serviço a outro ser ou objeto que não o Criador constitui, entretanto, grave equívoco. E, como não há meio-termo, em última análise, adora-se ou a Deus, ou ao Diabo!

Os cristãos evangélicos no Brasil, no entanto, correm mais perigo quanto à idolatria. Na concepção de muitos, apenas as imagens e peças sacras comuns entre os católicos ou as religiões animistas indicam a prática idólatra, já que esses objetos são claramente condenados por Deus na Bíblia, constituindo uma violação direta do segundo dos Dez Mandamentos: "Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra; não te curvarás diante delas, nem as cultuarás" (Dt 5.8,9).

No ano 2000, tive a oportunidade de fazer uma viagem missionária de ensino à Ucrânia. Levei nessa viagem um então popular álbum de fotografias, a fim de mostrar aos alunos um pouco da distante realidade brasileira, para que eles tivessem ideia de como eram a família, a escola e a igreja em nosso país. Tudo para eles era novidade e lhes parecia muito interessante, mas uma das coisas que mais os surpreenderam gerou a seguinte pergunta: "Por que as paredes de sua igreja são todas brancas?". Sim, a arquitetura eclesiástica protestante no Brasil evidencia um grande temor dos evangélicos, em sua maioria: o de serem parecidos com os católicos! Boa parte do que identifica um evangélico em nossa

nação diz respeito a não fazer uso de nenhum tipo de imagem ou representação gráfica que possa sugerir que se trata de um objeto de devoção ou adoração.

Há também algumas razões históricas para essa diferenciação rigorosa, sendo uma delas a proibição de que se construíssem locais de culto protestantes semelhantes às igrejas católicas. A Constituição Imperial, datada de 1824, dizia em seu artigo 5.o: "A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo". A propósito, quando os ingleses começaram a desenvolver o comércio com o Brasil, só lhes era permitido realizar os cultos de tradição anglicana em navios. Antes desse período, não havia nenhum traço de protestantismo no país. As primeiras inserções missionárias, de séculos anteriores, haviam sido completamente neutralizadas.

Em certo sentido, então, ser protestante no Brasil significou, desde o início, ser diferente do católico. E é por isso também que muitos cristãos de tradição evangélica tendem a afastar-se de imagens, esculturas e desenhos ao identificá-los como algo comum na prática religiosa do catolicismo, que associam automaticamente à idolatria. Em algumas tradições evangélicas, o máximo aceitável para o templo são a cruz (vazia) e alguns vitrais com representações de cenas bíblicas.

No entanto, ao olharmos em volta e não avistarmos imagens, seja de santos, seja de figuras e cenas bíblicas, precisamos tomar cuidado com a impressão de que estamos imunes à idolatria, de que se trata de algo já superado e, por isso mesmo, inofensivo. Essa é uma tática sutil de Satanás justamente para levar o cristão a se tornar idólatra. Porque, como veremos, a idolatria não está na imagem idolatrada, não está no ídolo em si, mas reside no próprio idólatra. Criados para adorar, buscamos um objeto de adoração, ao mesmo tempo que nossa rejeição a Deus nos coloca nos braços da idolatria.

Nas páginas a seguir, veremos que a idolatria nasceu no Éden, no momento em que Eva cedeu à tentação da serpente. Ao examinar as implicações desse acontecimento bíblico em seu contexto, descobrimos o chamado original do homem e o que ele recebeu das mãos de Deus para cumpri-lo. Veremos também

como o homem se desvirtuou do plano inicial, dando lugar à idolatria e sofrendo assim consequências nefastas, o fruto amargo dessa perversão. Desde esse incidente, a raça humana decidiu satisfazer o desejo do próprio coração, o que a coloca na terrível condição de idólatra. Em seguida, veremos como o homem do século 21 vive imerso nesse pecado e como nós, cristãos dos dias atuais, podemos escapar dessa triste realidade. Finalmente, veremos como uma teologia, uma espiritualidade e uma ética equivocadas servem de fermento para a idolatria latente no ser humano, seja ele um descrente, seja ele um cristão. Todo cuidado é pouco. Como dizia João Calvino, o coração humano é uma fábrica de ídolos!

Meu objetivo é que, ao término desta leitura, o leitor compreenda o perigo real da idolatria e adquira as ferramentas necessárias para lidar com ela e com os terríveis males que causa.

1. Vitor Ramil e Lenine, *Um dia você vai servir a alguém.*

1

A origem e as consequências da idolatria

Para melhor compreendermos a importância deste tema para o cristão dos dias atuais, penso que será útil primeiro entendermos a humanidade em seu início, bem como o que deu errado e fez com que a idolatria se tornasse uma realidade tão palpável ao longo da história.

A primeira referência que encontramos a respeito do surgimento e da presença da idolatria no ser humano encontra-se em Gênesis 3.1-7:

> Ora, a serpente era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito. E ela disse à mulher: Foi assim que Deus disse: Não comereis de nenhuma árvore do jardim? Respondeu a mulher à serpente: Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Não comereis dele, nem nele tocareis; se o fizerdes, morrereis. Disse a serpente à mulher: Com certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal. Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu. Então os olhos dos dois foram abertos e ficaram sabendo que estavam nus; por isso, entrelaçaram folhas de figueira e fizeram para si aventais.

Passaremos boa parte deste capítulo examinando as decorrências desse texto de Gênesis 3 e de seu contexto mais amplo (uma vez que a escrita desse segmento do livro antecede em muito a divisão posterior de capítulos a que foram submetidos tanto o Antigo quanto o Novo Testamento). Na realidade, tudo

começa em Gênesis 2.4, que diz: "São essas as origens dos céus e da terra, na ocasião em que foram criados". Assim, antes de chegarmos a Gênesis 3, encontramos vários elementos que devem ser observados para entendermos melhor a ordem do mundo criado no momento em que a idolatria teve origem.

O CHAMADO ORIGINAL DO HOMEM E O QUE DEUS LHE DEU PARA CUMPRI-LO

No relato da Criação e, mais especificamente, na narrativa do estabelecimento do homem no Jardim do Éden (Gn 2.7-17), podemos observar os benefícios que lhe foram concedidos a fim de que pudesse cumprir o chamado original de Deus. É importante percebermos também que esses benefícios concedidos primeiro ao homem foram naturalmente estendidos à mulher e se perpetuariam, caso a ordem da criação fosse mantida de acordo com o plano inicial de Deus. A alteração dessa ordem, por meio da desobediência do primeiro casal, trouxe à humanidade e à criação em geral consequências desastrosas, que também analisaremos mais adiante, ainda neste capítulo.

Deus deu ao homem um propósito

Lemos em Gênesis 2.15: "E o SENHOR Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden, para que o homem o cultivasse e guardasse". Deus estabeleceu o homem no jardim e lhe designou, no contexto da criação e de forma inequívoca, um objetivo, um propósito. O homem recebeu assim um claro chamado: ele devia assumir o que Deus havia criado, desenvolvendo e guardando a cultura (palavra com a mesma acepção de *cultivar*).

Na verdade, a ideia apresentada nesse e em outros versículos é que o homem foi designado como aquele que deveria povoar a terra e nela reproduzir o Jardim de Deus. Esse era o propósito do homem, em sua cultura, dentro do espaço que Deus lhe dera para viver na criação. Uma vez que ele cumprisse esse propósito, estaria glorificando o autor do mandado.

Antes de prosseguirmos, há aqui algo que precisamos compreender: glorificamos a Deus à medida que cumprimos sua vontade explicitada por sua Palavra. Não o glorificamos somente quando dizemos "Glória a Deus!". É

possível proferir algo assim com os lábios sem, contudo, cumprir nada do que ele ordenou. Desse modo, a glória que devo dar a Deus com meus lábios deve ser equivalente à glória reproduzida na minha obediência ao que ele ordena em sua Palavra.

Portanto, glorificar a Deus por meio de um propósito claro era o chamado supremo do homem, e isso explica tudo o mais que Deus lhe concedeu para que pudesse cumpri-lo.

Deus deu ao homem liberdade

Deus não deu apenas um propósito ao homem. Ele também lhe deu liberdade. Lemos em Gênesis 2.16 que Deus disse ao ser que criara: "Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim". O homem podia escolher alimentar-se livremente de qualquer árvore que houvesse no jardim, mesmo daquela de valor sacramental, a árvore da vida.

Observe que este é o modelo de liberdade bíblica proposto para a criatura: a liberdade para cumprir um papel. Assim como tinha um propósito, o homem tinha as condições, dadas pelo Criador, para o seu cumprimento. O desejo humano de autonomia, de ser o SENHOR de sua própria história e destino, separado de Deus, não é verdadeira liberdade, senão uma escravidão do acaso.

Deus deu ao homem uma auxiliadora idônea

Deus também concedeu um auxílio especial ao homem, para que ele não estivesse solitário ao cumprir seu propósito e desfrutar da liberdade que recebera. Lemos em Gênesis 2.18: "Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; eu lhe farei uma ajudadora que lhe seja adequada".

Deus tirou o homem de sua condição solitária em sua raça. O homem não estava só em outros sentidos: ele tinha tanto a presença do Deus criador, com quem podia se relacionar, uma vez que havia sido criado à sua imagem e semelhança, quanto a presença dos animais — embora estes, por não terem sido criados à imagem e semelhança de Deus, não pudessem dar resposta moral à condição do homem. Portanto, Deus concluiu que não era bom que o homem estivesse só em sua condição de raça criada, e assim deu ao homem a mulher, uma

ajudadora, uma auxiliadora idônea.

Deus deu ao homem autoridade sobre a criação

Diz o texto em Gênesis 2.19: "E o SENHOR Deus formou da terra todos os animais do campo e todas as aves do céu, e os trouxe ao homem, para ver como lhes chamaria; e o nome que o homem desse a cada ser vivo, esse seria o nome deles".

Como um complemento do que já havia sido claramente ordenado em Gênesis 2.27,28 a respeito de o homem exercer o domínio sobre toda a terra, Gênesis 2.19 explicita uma atividade que simboliza de modo profundo a autoridade delegada ao homem por Deus. Nomear é exercer autoridade. Nomear também exige entendimento e envolvimento responsável com o que está sendo nomeado. Os pais, por exemplo, dão nome aos filhos, são autoridade sobre eles, são merecedores de honra por parte deles e, ao mesmo tempo, são diretamente responsáveis pela sua educação e criação, incluindo ensinar-lhes a honrar.

Deus deu ao homem integridade

O versículo 25 de Gênesis 2 diz: "E os dois estavam nus, o homem e sua mulher, e não se envergonhavam". Não havia nada no homem e na sua mulher que precisasse ser encoberto um do outro e, principalmente, de Deus. Eles viviam com a totalidade de seu ser exposta na presença do Criador e na presença um do outro. Porque não havia pecado, não havia vergonha, embaraço, qualquer coisa a ser escondida ou maquiada. No ambiente da criação e no estado de inocência, quando o homem ainda não era conhecedor do bem e do mal, a transparência da verdade era absolutamente integral. Isso é integridade.

Deus impôs ao homem uma restrição

Deus deu ao homem um propósito e liberdade, proporcionou-lhe companhia e concedeu-lhe autoridade e integridade, mas, ao mesmo tempo, impôs uma restrição, dizendo-lhe: "... mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás" (Gn 2.17).

Por que Deus teria agido assim? Aí está uma pergunta de que se ocupa um

teólogo da área da teologia sistemática ou da filosofia. Não cabe aqui buscarmos uma resposta elaborada, mas o fato é que Deus, em sua soberania, agiu exatamente assim, pois disse: "Não comerás...". Vale ressaltar, porém, que essa foi a única restrição diante das incontáveis possibilidades oferecidas ao homem em seu ambiente diário.

Contudo, em nossa perspectiva atual, em nossa moderna escala de valores, qualquer restrição adquire contornos negativos, considerados como um roubo de nossa suposta liberdade. A partir do momento em que nos é imposta uma regra, o jogo parece perder a graça. A despeito disso, Deus deu ao homem, além de todas as coisas com as quais o muniu e habilitou para cumprir seu papel, uma ordem restritiva bastante específica.

NASCE A IDOLATRIA

É nesse cenário de plenitude, capacitação e predomínio da liberdade (com uma única restrição) que nos é apresentada uma intrigante personagem: a serpente. Diz o texto de Gênesis 3.1 que ela "era o mais astuto de todos os animais do campo que o SENHOR Deus havia feito". Examinada, porém, no contexto amplo de toda a Escritura, essa serpente é o próprio Satanás: "E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, chamada Diabo e Satanás, que engana todo o mundo" (Ap 12.9). Ela entra em cena e se mostra em oposição absoluta a Deus. Em Gênesis 2.17, vemos Deus afirmar: "... porque no dia em que dela [árvore do conhecimento do bem e do mal] comeres, com certeza morrerás". No capítulo seguinte, porém, a serpente diz a respeito da mesma ação proibida: "Com certeza, não morrereis" (Gn 3.4). Há, portanto, uma clara oposição a Deus feita pela serpente, a qual, podemos dizer, é a encarnação do Diabo.

Depois dessa investida da serpente, são relatadas no versículo 6 as fatídicas ações do primeiro casal: "Então, vendo a mulher que a árvore era boa para dela comer, agradável aos olhos e desejável para dar entendimento, tomou do seu fruto, comeu e deu dele a seu marido, que também comeu". Assim, tanto o homem como a mulher fizeram exatamente tudo o que Deus havia ordenado que não fizessem. Eis o exato momento em que nasceu a idolatria!

A herança da idolatria

O chamado supremo do ser humano era o de glorificar a Deus, adorá-lo em reverente obediência, ao reconhecer no Criador a fonte de toda a vida e sabedoria. Então, podemos dizer que Eva adorou a serpente? De certa forma, sim. Ela entregou a sua confiança (sua fé) para aquele animal com quem passou a relacionar-se em maldito diálogo. E foi acompanhada nesse ato por Adão. Portanto, é assim que passamos a adorar algo: quando nos submetemos a isso e à sua influência como se fosse superior a Deus. O que os nossos primeiros pais fizeram foi trocar a confiança naquilo que Deus havia dito por uma confiança na palavra de outrem (no caso, a palavra do Diabo).

Ora, o ser humano foi criado por Deus para crer e confiar em sua palavra, obedecendo ao que ele ordena por meio dela. Quando o homem desobedeceu à ordem que recebera, deixou de crer e confiar no próprio Deus. A mulher, por seus sentidos e desejos, dobrou-se diante de uma palavra proferida em oposição acintosa à palavra de Deus. Esse foi o primeiro ato de idolatria. E essa inclinação nos acompanha ao longo de toda a história da humanidade. Vemos, por exemplo, que o mesmo processo vai se repetir logo adiante, em Gênesis 6.2: "Vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas, tomaram para si mulheres, as que, entre todas, mais lhes agradaram" (ARA). Nesse outro relato posterior ao da Queda, são destacados exatamente os mesmos sentidos e as mesmas ações da mulher no Jardim do Éden, evidenciando que houve assim continuidade no ato de idolatria, o qual proporcionou o aumento progressivo da maldade humana. Essa mesma inclinação e atitude será vista várias vezes na vida dos patriarcas, sendo guiados em diferentes situações pelo seu sentido natural e não pela fé, pelo que viam e não pelas promessas de Deus.

O habitat da idolatria

Tendo em vista que a idolatria, desde o Éden, passou a ser algo presente na natureza humana, uma dúvida essencial vem à tona: Onde mora a idolatria?

Para conhecer o habitat da idolatria, vejamos o que diz Ezequiel 14.1-3: "Então alguns dos anciãos de Israel vieram a mim e se assentaram. E a palavra do SENHOR veio a mim: Filho do homem, estes homens *deram lugar no coração aos*

seus ídolos e puseram o tropeço da sua maldade diante deles mesmos; devo eu ser consultado por eles?" (grifo do autor). Deus afirma que a idolatria está no coração daqueles homens. A palavra "coração" aparece 858 vezes no Antigo Testamento e é um termo essencial em toda a sua teologia. O coração do homem controla o homem completo. Se alguma coisa deve ser guardada como o que de mais precioso há, deve ser o coração: "Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23).

Havia idolatria em Israel, e ela se manifestava muitas vezes por meio do culto a Baal e a outros deuses. Entretanto, a manifestação externa de idolatria não era o problema maior, mas apenas a ponta de um imenso iceberg. Na verdade, o grande problema da idolatria estava muito bem escondido *no coração* daquele povo. De acordo com o texto em Ezequiel, os ídolos estavam presentes no coração dos homens de Israel como "o tropeço da sua maldade diante deles mesmos", pois, ao colocá-los diante de si, o próprio eu deles estava sendo exposto.

O texto de Ezequiel prossegue: "Portanto, fala com eles e dize-lhes: Assim diz o SENHOR Deus: Aquele da casa de Israel que der lugar no coração aos seus ídolos, e puser o tropeço da sua maldade diante de si, e for ao profeta, eu, o SENHOR , haverei de responder-lhe conforme os seus muitos ídolos; para que possa reconquistar o coração da casa de Israel, que se distanciou de mim por causa de seus ídolos" (v. 4,5).

O problema não estava nas formas externas em si, mas no íntimo daqueles homens. Como diz o texto, eles tinham ídolos no coração. Uma vez o coração controlado pelo ídolo, todo o homem está controlado.

Deus é "o grande Eu Sou". E Israel, assim como nós hoje fazemos, trocou "o grande Eu Sou" pelo "grande sou eu". Deus verdadeiramente é grande, mas eu decido trocá-lo pelo meu próprio eu dominado e inflado. Dentre os ídolos presentes no coração de Israel nos tempos do profeta Ezequiel e que estão igualmente presentes no coração dos seres humanos nos dias atuais, o mais adorado certamente é o "grande sou eu". Esse ídolo, originado lá no Éden, destronou "o grande Eu Sou".

Ao dar ouvidos à proposta da serpente de que seriam "como Deus, conhecendo o bem e o mal" (Gn 3.5), Adão e Eva vislumbraram a si mesmos e

seus desejos como alvo maior da sua existência. Foi, portanto, no Éden que essa idolatria teve início. Ali surgiu a primeira manifestação concreta da idolatria — a adoração do próprio eu. E essa inclinação idólatra continua a habitar no coração de todos os seres humanos.

Dinheiro, poder e sexo: inclinações do coração expressas em impulsos

Talvez os três impulsos mais fortes da raça humana sejam os motivados por dinheiro (o desejo de possuir), por poder (o desejo de exercer domínio) e por sexo (o desejo de plena intimidade). Esses três impulsos estão profundamente relacionados com as três inclinações que acabamos de explicitar entre parênteses. Com essa correspondência entre impulsos externos e inclinações internas, podemos compreender que a idolatria nasce no coração e estimula os apetites desordenados, a desobediência ao Criador, o pecado.

No anseio de entender isso ainda melhor, fui pesquisar outros textos bíblicos a respeito do tema e deparei com Provérbios 13.12, que se relaciona com o texto de Gênesis que estamos estudando: "A esperança adiada entristece o coração, mas o desejo cumprido é árvore de vida". O coração é associado aos desejos nesse provérbio, e seu autor não usou a expressão "árvore de vida" aleatoriamente. O homem podia, no Jardim do Éden, ter livre acesso à árvore da vida, usufruindo dela plenamente, recebendo plena satisfação para todas as suas reais necessidades; contudo, ele preferiu desviar o foco dessa fonte de satisfação plena para opor-se a Deus e agora encontra-se nessa constante situação de ter a sua esperança adiada. Sua busca de satisfação fora da árvore da vida, a qual ficou impedido de acessar depois da Queda, o leva à porta de todos os tipos de ídolos.

Hoje pecamos da mesma forma. Tiago falou a esse respeito em sua carta. Aliás, parece que ele acabara de ler os capítulos iniciais de Gênesis quando a escreveu: "Mas cada um é tentado quando atraído e seduzido por seu próprio desejo" (Tg 1.14). O passo seguinte à atração é a sedução. Quando alguém olha para algo e acha que é muito desejável, isso gera a cobiça e, então, surge a idolatria, a qual dá à luz o pecado; e o pecado, por sua vez, gera a morte, porque "no dia em que dela [árvore do conhecimento do bem e do mal] comeres, com

certeza morrerás" (Gn 2.17).

Satanás: o agente de indução à idolatria

Entendendo onde reside a idolatria e que ela se concretiza na adoração do eu e na satisfação irrestrita de seus desejos, cabe agora destacar outras características da figura que induz o ser humano à idolatria: Satanás. Seu método caracteriza-se pela dubiedade. Em geral, ele não trabalha com mentiras absolutas, mas, sim, com meias verdades. Ele nem sempre busca negar de forma cabal a existência de Deus. Contudo, mesmo não o negando por completo, trabalha sorrateiramente com o objetivo de nos convencer da irrelevância de sua existência e de sua vontade para nossa vida propondo substitutos para Deus.

Para estabelecer um contraste com a maneira sórdida de Satanás agir, vejamos uma ilustração simples que costumo usar com meus alunos. Imagine que, ao constatar o aparecimento de um buraco em uma coluna do prédio da igreja, o pastor responsável peça ao irmão encarregado da manutenção:

— Por favor, irmão, tampe a metade desse buraco.

Depois de o serviço ser executado conforme a orientação do pastor, alguém pergunta:

— O que é aquilo na parede?

A resposta não pode ser outra senão:

— Um buraco.

Não existe meio-termo. Meio buraco é um buraco. Meia verdade é uma mentira. Mas é justamente contrariando isso que Satanás trabalha. Ele sabe da existência de Deus e da revelação de sua vontade. Não nega essas realidades de forma absoluta, mas tenta torná-las irrelevantes para a nossa vida. Nos últimos tempos temos visto que os seguidores de Satanás têm tentado por todos os meios "provar" a inexistência do Deus da Bíblia. O movimento ateísta é relativamente novo na história da humanidade se comparado com o ateísmo prático proposto pela serpente.

Essa maneira de Satanás agir, distorcendo ou minimizando alguma verdade absoluta revelada por Deus, ou a própria realidade, é muito antiga. O exemplo mais clássico encontra-se justamente em Gênesis 3, quando ele afirma: "Com

certeza, não morrereis. Na verdade, Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto, vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal" (v. 4,5). Perceba que a mentira está claramente presente em meias palavras: sim, o homem tem os olhos abertos e passa a ser conhecedor do bem e do mal depois de tomar do fruto que Deus havia proibido. O resultado, porém, não será aquele que foi implicitamente afirmado.

CONSEQUÊNCIAS DA IDOLATRIA

Como consequências drásticas de ter acreditado na completa mentira (meia verdade) contada por Satanás no Éden e de ter cedido à cobiça e à idolatria, o homem sofreu diversas perdas.

O homem perdeu sua pureza e integridade, tornando-se mau

"Agora o homem [...] conhece o bem e o mal" (Gn 3.22). Cedendo à cobiça do coração, Adão e Eva adquiriram, por meio de uma experiência real da maldade, o conhecimento que desejavam. No diálogo com a mulher, Satanás escondeu esse fato crucial, dizendo apenas meia verdade. Quando afirmou que os dois se tornariam como Deus ao conhecerem o bem e do mal, na realidade Satanás escondeu o fato de que eles também se tornariam maus por causa de sua desobediência a Deus. A satisfação que procuravam no mistério do fruto daquela árvore tornou-se para eles o mais amargo de todos os frutos, a perda de sua integridade diante do Criador e diante um do outro.

O homem perdeu a intimidade com Deus

Vemos no relato que o privilégio de ser amigo íntimo do Criador também desapareceu, pois o homem passou a se envergonhar também diante de Deus (Gn 3.8-10). O homem foi criado à sua imagem e semelhança para ser íntimo dele e caminhar em sua companhia no jardim. Mas o que a desobediência ocasionou foi exatamente o oposto: o homem passou a se esconder daquele com quem deveria ter a maior de todas as intimidades, maior até mesmo da que desfrutava com aquela que havia sido tirada de seus próprios ossos e carne. A

presença, transparência e intimidade foram substituídas pelo esconder-se, medo e vergonha. Quando Deus chega ao jardim para confrontar o homem, o texto diz: "Mas o SENHOR Deus chamou o homem, perguntando: Onde estás? O homem respondeu: Ouvi a tua voz no jardim e tive medo, porque estava nu; por isso me escondi" (Gn 3.9,10).

O homem perdeu a intimidade com sua companheira

A consciência da própria maldade é explicitada na vergonha que o primeiro casal passou a ter um diante do outro (Gn 3.7). O homem começou a sentir vergonha de si diante daquela que havia sido criada de sua própria carne e ossos para ser sua ajudadora mais adequada. De repente, a intimidade desaparece e, no lugar, surge o individualismo expresso na acusação mútua (Gn 3.12). Quando confrontado por Deus, o homem volta-se contra o próprio Criador e contra a mulher que havia recebido dele. Sua resposta diante da confrontação de Deus foi apontar para a mulher como a fonte do problema, sem assumir a sua responsabilidade de cabeça responsável pelo pastoreio do jardim e de sua esposa.

O homem perdeu sua habitação no jardim

"Por isso, o SENHOR Deus o mandou para fora do jardim do Éden..." (Gn 3.23) Outra consequência inevitável da escolha do primeiro casal de desobedecer a Deus foi a expulsão do Jardim do Éden. Isso aconteceu porque Adão e Eva se tornaram maus ao conhecerem o mal. Infelizmente, eles não atentaram para o fato de que não vale a pena conquistar algo, por melhor que pareça, se o preço a ser pago for a desobediência a Deus. Embora tenham de fato conhecido a realidade do bem e do mal, Adão e Eva ficaram desconectados da Verdade, que é o próprio Deus. Perderam sua casa, seu habitat, perderam o paraíso!

O homem perdeu seu propósito original

Expulso do jardim que deveria guardar e cultivar, o homem se distanciou do propósito original para o qual havia sido chamado. A partir de então, o homem passou a habitar em outro ambiente, amaldiçoado por Deus, sem um propósito

claramente definido, a não ser a expectativa de uma vida condicionada por sua subsistência física e pela expectativa da morte (Gn 3.17-19). A tarefa dada por Deus ao homem, de espalhar e levar a realidade do jardim por toda a terra (até os seus confins), agora é substituída por uma pobre realidade, marcada por incertezas, na qual não vive mais para Deus e seu propósito, mas para si mesmo!

O homem perdeu sua liberdade

Entre outras coisas proporcionadas pela liberdade de que desfrutava, o homem perdeu o acesso à árvore da vida. Agora o homem já não podia ter livre acesso à plenitude de vida que Deus lhe oferecia no jardim: "E havendo expulsado o homem, pôs a leste do jardim do Éden os querubins e uma espada flamejante que se revolvia por todos os lados, para guardar o caminho da árvore da vida" (Gn 3.24). Portanto, não poderiam mais desfrutar do livre acesso à "árvore da vida" que ficava no jardim com toda a sua abundância de vida (v. 22). Em lugar da árvore, herdaram "espinhos e ervas daninhas".

O homem perdeu sua própria vida

O homem foi feito por Deus alma vivente. Recebeu do Criador mandados diversos que deveria cumprir diante dele. Porém, o resultado da desobediência seria a morte em todas as suas dimensões: física, moral e espiritual. Depois de comer do fruto da árvore proibida por Deus, perdeu a plenitude da vida e passou a conhecer não só o mal, mas a própria a morte (Gn 3.19).

O homem perdeu o pleno exercício da autoridade

Criado para dominar sobre a criação, o homem passa a ser assolado pelo medo. Em vez de exercer uma vida de autoridade sobre o que está à sua volta, o homem é agora dominado pelo temor e receio de tudo.

É dessa nova condição humana que nasceram os cultos externos da idolatria. O homem, que com a presença e a orientação de Deus exercia pleno domínio, passa a ser orientado pelo medo e, a fim de obter novamente algum controle, começa a adorar a criação e tudo o que considera maior que ele — trovões, os

astros, os animais etc., além de tudo o que não pode compreender completamente. A expressão da verdade conforme o salmo 8 torna-se agora confusa em razão do pecado: "Deste-lhe domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: todas as ovelhas e os bois, assim como os animais selvagens, as aves do céu, os peixes do mar e tudo o que percorre as veredas dos mares" (Sl 8.6-8). Seria necessário algum outro que pudesse exercer esse domínio!

Aqui nos vemos diante de um fato bastante paradoxal: aquela árvore do Éden era desejável para dar conhecimento e entendimento, mas agora, após alcançá-la, o homem passa a adorar tudo o que não consegue conhecer ou entender. Ele sente medo e assim adora. Exatamente o oposto do que deveria ocorrer.

O FRUTO AMARGO DA IDOLATRIA

Quando olhamos para todas as perdas contabilizadas pelo homem como resultado de sua desobediência, podemos vislumbrar o tamanho da tragédia do pecado. A toda essa cadeia de perdas damos o nome de "fruto amargo e terrível da idolatria". Esse fruto, repleto de veneno e morte, faz com que o homem se distancie completamente de seu significado original ao adorar a si próprio, e não a Deus, o Criador. Nosso idioma permite sintetizar esse comportamento humano de forma muito expressiva, usando um simples jogo de palavras: basta suprimir a primeira e a última letras da palavra "Deus" e o que resta é apenas o "eu", o centro de mim mesmo, objeto de autoadoração.

2

A realidade da idolatria e como vencê-la

Se, como vimos no capítulo anterior, a idolatria não reside no ídolo em si, mas no coração do próprio idólatra, é natural que nos perguntemos como ela se manifesta concretamente em nossa vida e, principalmente, de que modo podemos vencê-la.

Idolatria é definida, segundo o Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa, como: "(1) culto que se presta a ídolos; (2) (fig.) amor excessivo, admiração exagerada". No entanto, ao explorarmos o conceito do ponto de vista bíblico, segundo o que aprendemos em nosso estudo nos capítulos iniciais do livro de Gênesis, chegamos a uma definição bem mais abrangente, a qual nos mostra, entre outras coisas, que a idolatria é em última instância a adoração do eu. Ela consiste na decisão do ser humano de se colocar em pé de igualdade ou acima do Deus criador do Universo.

Como veremos neste capítulo, a reversão dessa realidade que se manifesta de modo tão avassalador em nosso dia a dia exige uma profunda intervenção do próprio Deus em nosso coração, o que possibilita que tenhamos uma nova e constante atitude em nossa relação com ele.

MANIFESTAÇÕES DE IDOLATRIA NO SÉCULO 21

Vivemos um período completamente diferente de qualquer outro na história. Sobretudo na aérea tecnológica, experimentamos um avanço impensável em épocas mais remotas. A internet, por exemplo, ferramenta admirável, explodiu no fim do século 20, e nos dias atuais é particularmente difícil para muitos imaginar

como seria viver sem ela. A tecnologia e os telefones sempre à mão deram ao homem contemporâneo um novo modo de sentir-se conectado com o mundo. Não poder fazê-lo torna-se absolutamente frustrante, principalmente para as gerações mais novas que já cresceram diante dessa nova realidade.

No entanto, apesar de todos esses avanços tecnológicos, algo não mudou. O homem continua idólatra. A tecnologia, sobretudo com o advento das mídias sociais, apenas potencializou e tornou mais manifesto nosso narcisismo, nossa adoração do eu. Muitas formas de arte já faziam isso, mas a maneira rápida, imediata e disponível a todos trouxe uma força maior à maneira como manifestamos nossos ídolos, como veremos abaixo.

O eu e a selfie

As redes sociais, fenômeno mundial, têm se destacado ainda mais ultimamente com a moda do momento: a famosa selfie. É difícil encontrar alguém que, com um smartphone em mãos, resista à tentação de registrar e compartilhar imediatamente fotos de sua presença em todo e qualquer lugar, desde aquela paisagem deslumbrante, passando por restaurantes, festas e eventos dos mais variados tipos, até o show do artista famoso e mesmo o pregador preferido. Contudo, a selfie retrata com fidelidade algo que não começou agora, mas, sim, há muito tempo, no Jardim do Éden: a adoração do próprio eu. Entenda bem: estou falando de uma manifestação cultural que é resultado de nossas próprias contradições. Antes da selfie, o ego tinha o mesmo peso de agora.

É fato que nós nos adoramos. Se quiser comprovar essa verdade, diga honestamente quem é a primeira pessoa que seus olhos procuram na foto do grupo de amigos que seu celular acabou de registrar. Mesmo não afirmando isso categoricamente, a pessoa que você considera mais importante nesse grupo da selfie é você mesmo. E o fato de não "sair bem na foto", ou melhor, na selfie, é particularmente frustrante. Afinal, Narciso acha feio o que não é espelho!

O eu e a comunicação

O eu se manifesta de muitas maneiras, nas mais variadas situações, mas é nas comunicações cotidianas que se revela mais assiduamente. Se alguém fizer uma

pesquisa para verificar qual pronome pessoal é mais usado na maioria dos diálogos, creio que "eu" será o grande campeão. Se uma pessoa conta a outra uma experiência que viveu, o mais provável é que a última, em resposta, em vez de comentar o que acabou de ouvir, se ponha a narrar um fato semelhante vivido por ela mesma. Assim, o que era para ser um diálogo se torna uma autêntica disputa de egos.

Em cada oportunidade, no exato momento em que estabelecemos qualquer tipo de comunicação com o semelhante, o eu reivindica seu espaço e, portanto, naturalmente exige também o papel de protagonista nas postagens das redes sociais. Nosso desejo de reconhecimento e status encontra ali um cenário bastante favorável, e com isso a adoração do eu se torna ainda mais evidente para todos.

A egolatria no culto cristão

Contudo, esse comportamento voltado para o próprio eu, infelizmente, não se restringe aos ambientes que consideramos "seculares", mas se manifesta com igual intensidade no culto cristão.

Os hinos cristãos do passado, ao contrário de muitos cânticos de hoje, eram de fato uma expressão de louvor ao personagem mais importante da reunião da igreja: Deus. As composições mais antigas evidenciavam uma preocupação teológica maior de ressaltar a grandeza do Criador, bem diferente do que ouvimos hoje em boa parte dos cânticos entoados nas rádios e reproduzidos em muitas igrejas. Por falta de uma teologia adequada, na chamada "música gospel" atual simplesmente transparece o individualismo exacerbado, que nada mais é do que a manifestação concreta da nossa antiga idolatria.

Desse modo, em muitas das nossas celebrações dominicais, o eu se destaca e ocupa o lugar mais proeminente durante o culto. Caso você queira ter uma percepção melhor desse fato, sugiro que faça uma experiência em sua igreja no próximo domingo. Anote quantas vezes a palavra "eu" é mencionada, explícita ou implicitamente, durante o momento de louvor, nas orações ou em outras expressões de devoção. Essa experiência o fará constatar a presença insidiosa da adoração do eu também nos cultos cristãos. O eu não é proibido. Se observarmos

a própria Escritura e o livro de Salmos, grande parte deles relaciona-se às angústias do indivíduo, os chamados lamentos individuais. Entretanto, a construção do contexto do culto nunca é em torno do próprio homem, mas do Deus altíssimo.

A triste realidade mostra que a cultura individualista se infiltrou nas reuniões em que os cristãos deveriam se reunir como o corpo de Cristo, com o propósito de edificar uns aos outros e adorar conjuntamente ao nosso Salvador (Cl 3.15-17). Assim, já não nos reunimos para adorar a Deus. Apesar de estarmos juntos, no mesmo espaço, nossa adoração é fragmentada e sem foco no único que merece toda a nossa atenção e adoração. Não somos nós coletivamente adorando o "Grande Eu Sou"; ao contrário, sou eu individualmente adorando a mim mesmo.

OS MANDAMENTOS DE DEUS E A IDOLATRIA

Como sabemos, a idolatria caracteriza-se pela substituição de Deus por qualquer outro "deus". Por essa razão, ao tratar dos mandamentos divinos, Deuteronômio 6.3,4 alerta: "Ó Israel, ouve e tem o cuidado de guardá-los, para que vivas bem e te multipliques muito na terra que dá leite e mel, como o SENHOR, Deus de teus pais, te prometeu. Ouve, ó Israel: O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR". Esse texto, de modo bastante expressivo, chama nossa atenção para o perigo da idolatria. Ele salienta que, quando deixamos de adorar o único Deus, adoramos qualquer outra coisa.

A seriedade com que as Escrituras tratam a questão da idolatria pode ser especialmente verificada no Decálogo, os Dez Mandamentos. Nos quatro primeiros, Deus condena com veemência a idolatria. Assim, em cada um desses mandamentos, são expostos riscos específicos de negligenciarmos nossa adoração exclusiva a Deus. Como muitas pessoas não têm familiaridade com os Dez Mandamentos conforme apresentados nas Escrituras, reproduzo a seguir os quatros primeiros, que tratam especificamente do tema em questão:

- Primeiro: "Não terás outros deuses além de mim" (Êx 20.3).
- Segundo: "Não farás para ti imagem esculpida, nem figura alguma do que há em cima no céu, nem embaixo na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te

curvarás diante delas nem as cultuarás, pois eu, o SENHOR teu Deus, sou Deus zeloso..." (Êx 20.4,5).

- Terceiro: "Não tomarás o nome do SENHOR teu Deus em vão..." (Êx 20.7).
- Quarto: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás o teu trabalho, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus..." (Êx 20.8-10).

Nesse grupo inicial de mandamentos do Decálogo, que tratam de nossa relação vertical com Deus, são apresentadas as bases de um relacionamento adequado com ele. Especificamente, podemos depreender de cada um desses mandamentos as mais absolutas expectativas: (1) de total devoção a Deus, (2) de pleno entendimento de sua existência única, sem qualquer paralelo com este mundo criado, (3) de zelo absoluto por sua glória, em qualquer situação de nossa existência, e (4) de constante reconhecimento de tudo que nos foi proporcionado como seres que desfrutam dos benefícios de sua criação, gastando tempo para ter deleite nele. O mais sutil desvio dos padrões absolutos expostos nesses mandamentos de Deus nos faz recair no pecado da idolatria.

É importante ressaltar, porém, que conhecer os Dez Mandamentos, sobretudo esses quatro que enfatizam o perigo da idolatria, não garante a ninguém a absolvição e muito menos a libertação dos pecados que eles especificam. Na verdade, o conhecimento dos mandamentos apenas torna o ser humano mais consciente de sua culpa (Rm 5.20).

Então, uma vez compreendida as justas exigências de Deus sintetizadas nesses mandamentos do Decálogo e reconhecida a nossa incapacidade de obedecer-lhes de modo pleno, resta somente uma confissão a ser feita: eu sou idólatra. Se eu não fosse assim, não pecaria contra Deus. Se eu amasse o SENHOR com todo o meu coração, não cometeria pecado contra ele. Mas minha experiência cotidiana me revela que sou pecador — desde a hora em que me levanto e, às vezes, até antes disso!

SOMENTE A GRAÇA LIBERTA O HOMEM DA IDOLATRIA

Ao entendermos a seriedade com que a Palavra de Deus trata a idolatria e, ao mesmo tempo, ao reconhecermos nossa total incapacidade de abandonar esse pecado, precisamos desesperadamente recorrer a algo maior do que nós. Por meio de sua vida, morte e ressurreição, Jesus Cristo nos oferece o único caminho de vitória sobre o mal que habita em nosso íntimo. Nele somos perdoados e libertos de todo pecado, inclusive o da idolatria. Então, livres de toda culpa e capacitados pelo Espírito Santo, podemos amar a Deus e lhe obedecer de coração (Rm 6.17,22; 8.1-4). Esse é o motivo pelo qual reconhecemos como vitais as doutrinas da graça.

Como vimos até aqui, nosso coração é idólatra por natureza, mas em Cristo recebemos um novo coração, o coração do próprio SENHOR . Uma vez libertos desse terrível mal, passamos a viver pela fé no sacrifício e na ressurreição de Cristo e a ter as Escrituras como firme fundamento da nossa confiança (1Pe 1.3-5,23-25). Portanto, é com base na graça oferecida pelo Filho de Deus que podemos nos desvencilhar e fugir das amarras da idolatria, sempre convictos de que fomos e somos constantemente justificados nele.

Assim, toda vez que Satanás, o provocador da idolatria, nos acusar, devemos nos lembrar da graça oferecida por Cristo. O inimigo de minha alma me acusa: "Mauro é idólatra". Mas o nosso Pai diz: "Sim, de fato ele é, mas o meu Filho amado o comprou e o arrancou das garras da idolatria. Por meio do meu Filho, Mauro agora está livre; não o condeno mais". Essa é a única garantia que tenho, por isso confio e vivo com base nessa obra redentora que é pura graça de Deus.

COMO AMAR A DEUS EM UMA CULTURA IDÓLATRA

Vimos no capítulo anterior que o coração humano é o habitat da idolatria. Mas, como sabemos, esse órgão é também o tema principal nos debates atuais relacionados ao homem: suas paixões, seus anseios, medos, suas esperanças etc. Assim, tendo em vista sua relevância, é preciso que tenhamos pleno conhecimento do significado do coração tanto na cultura contemporânea quanto na cultura bíblica, a fim de identificarmos as diferentes concepções a seu respeito.

Vivemos em uma época predominantemente caracterizada por valores

emocionais em detrimento de valores racionais e morais. “Siga seu coração” é o mantra do nosso tempo. “Se você somente seguir seu coração, tudo vai terminar bem”. Nesse ambiente cultural, o coração consagrou-se como o símbolo máximo das paixões e das verdadeiras motivações humanas, mas não tem relação com a verdade, integridade e valores. O coração é o líder desvairado do ser humano que, dependendo dos desejos do coração, tudo pode.

O Dia dos Namorados ilustra bem esse fato. Nessa data, não faltam corações nas vitrines, nas propagandas e nos produtos — de caixas de bombons a balões infláveis —, numa alusão à paixão dos enamorados. Portanto, na cultura atual, o coração é tido como o centro exclusivo das emoções que são a razão do nosso viver (mesmo daquelas que poderão se alterar completamente logo depois dessa data).

Mas não é essa a figura do coração na Bíblia. Na cultura hebraica, por exemplo, as emoções e inclinações dos homens moravam em suas entranhas com um todo. Se, para nós, o coração é algo quase dissociado do resto do corpo quando nos referimos às emoções e à paixão amorosa, o povo da Bíblia considerava o coração o centro indissociável do ser em sua totalidade. Não é por outro motivo que a Escritura se refere à “entranhável misericórdia de nosso Deus” (Lc 1.78, ARA), para expressar a profundidade do amor que o levou a enviar Jesus ao mundo a fim de salvar seus filhos do pecado e da morte.

Assim, no meio de uma cultura que idolatra as emoções e o coração como o grande motivador para a vida, devemos olhar para nós mesmos e perguntar que tipo de “coração” estamos usando para expressar nosso amor a Deus. Muito do que se fala e canta em igrejas nos nossos dias diz respeito a esse tipo de amor do coração contemporâneo, que nos confunde para tomar o lugar de Deus.

O SENHOR Jesus é muito claro em explicitar a maneira de saber quem é aquele que o ama: “Aquele que tem os meus mandamentos e a eles obedece, esse é o que me ama. E aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele. E Judas, não o Iscariotes, perguntou-lhe: Mas como, SENHOR , te manifestarás a nós, e não ao mundo? Jesus lhe respondeu: Se alguém me amar, obedecerá à minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos a ele e faremos nele morada. Quem não me ama não obedece às minhas palavras. A palavra que estais

ouvindo não é minha, mas do Pai que me enviou" (Jo 14.21-24).

Creio que alguns conceitos ficam bem claros com base nas palavras do SENHOR . Primeiro, que o amor genuíno à sua pessoa e sua obra manifesta-se em obediência amorosa. Aquele que ama a Jesus abraça seus mandamentos. Segundo, o amor do Pai também é manifesto sobre esse que ama ao Filho. Terceiro, a lei do Pai e do Filho são a mesma, em completa harmonia. Por último, aquele que não ama não obedece. Logo, o segredo para amar ao Pai é amar ao Filho e usar da bênção da Palavra manifesta na lei de ambos, aplicada pelo Espírito Santo — "Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que eu vos tenho dito" (Jo 14.26).

Mas como faremos isso nesta nossa cultura que idolatra os sentimentos do coração enganoso?

Precisamos discernir a cultura em que vivemos

Para aprendermos a amar a Deus de todo o coração, precisamos desenvolver a capacidade de discernir a cultura na qual estamos inseridos. Não é à toa que Mateus 12.34 registra: "A boca fala do que o coração está cheio". Somos profundamente impactados e influenciados na nossa maneira de agir em diversas esferas da vida, muitas vezes sem nos darmos conta disso. Talvez você já tenha ouvido alguém dizer "Ai, como estou apaixonado por Deus!" ou "Jesus, minha paixão!". Mas isso não tem nenhuma relação com amar a Deus de todo o coração. Relacionar-se com Deus e amá-lo com a integridade do nosso ser não significa aplicar o modelo de amor da cultura na qual estamos inseridos. A banalização do amor jamais deveria ser aplicada à pessoa de Deus.

Sendo assim, recorrer ao estudo das Escrituras é essencial para os que querem amar a Deus de fato, no sentido bíblico da expressão. Não deve ser um estudo superficial, e sim aprofundado, a fim de que se possa entender a particularidade da mensagem cristã e identificar os pontos de atrito das diversas culturas com relação a ela.

No próprio Novo Testamento, por exemplo, podemos identificar o SENHOR Jesus apontando para esse conceito de amor integral e completo usando a

Escritura do Antigo Testamento, os mandamentos do Pai. Quando perguntado qual era o maior mandamento da Lei, ele respondeu: "Amarás o SENHOR teu Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento" (Mt 22.37). Jesus cita Deuteronômio 6.5 ("Amarás o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças") e acrescenta um elemento fundamental, parte da cultura grega de seu tempo. Ao citar o texto, ele acrescenta, literalmente, "toda a mente". Nesse caso, ficou evidente na resposta de Jesus que, não importa o ambiente cultural, o ser humano em sua totalidade precisa amar a Deus. Podemos aprender assim que qualquer proposta cultural de dissociação da totalidade de nosso amor a Deus deve ser combatida com a reflexão profunda que só as Escrituras podem nos proporcionar.

Quanto a isso, um ponto fundamental a compreendermos é que nosso amor a Deus apenas será consistente e constante quando for o resultado do amor dele por nós, como a Bíblia enfatiza: "Nós amamos porque ele nos amou primeiro" (1Jo 4.19). Nosso amor a Deus não pode ser o fruto de uma emoção oscilante nem de um afeto natural. Ele deve estar fundamentado no reconhecimento profundo do que Deus fez por nós, de modo concreto, ao enviar seu Filho para morrer em nosso favor (Jo 3.16). Assim, nosso amor obediente será sempre o resultado da obra graciosa do evangelho que foi aplicado em nós pelo Espírito Santo de Deus.

As Escrituras devem habitar nosso coração

A partir do momento em que adquirimos convicção de que a idolatria se instaurou no centro do coração humano, precisamos destroná-la. Para isso, é essencial colocarmos algo de fato primordial no lugar: a Palavra de Deus.

Vejamos o que nos diz Provérbios 4.20: "Meu filho, atenta para as minhas palavras; inclina o ouvido às minhas instruções". De igual modo, Deus havia instruído o homem no Jardim do Éden: "Podes comer livremente de qualquer árvore do jardim, mas não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal; porque no dia em que dela comeres, com certeza morrerás" (Gn 2.16,17). Tanto o homem quanto a mulher deveriam prestar total atenção à palavra de Deus e crer nessa palavra, mas, como sabemos, não foi o que fizeram, e por isso a tragédia se

instalou no seio da humanidade. É por esse motivo que a tradição cristã protestante reformada tem tanto apreço pela Escritura, porque ela é a Palavra de Deus, à qual todos nós temos de prestar total atenção e responder com fé.

O texto em Provérbios a respeito das instruções divinas prossegue assim: "Não as percas de vista; guarda-as dentro do coração" (Pv 4.21). Em contraste a isso, a mulher no Éden pecou contra Deus por desviar seus olhos para a árvore cujo fruto era proibido (Gn 3.6). Não podemos, portanto, permitir que nossos olhos igualmente se apartem da Palavra de Deus; devemos tê-la em vista em tudo o que fazemos em nosso dia a dia. Além disso, para não cair na mesma tentação do primeiro casal, temos de não somente olhar e ler a Escritura, mas, sim, guardá-la no íntimo de nosso coração. Ela deve habitá-lo (Cl 3.16), e isso somente é possível porque, por causa de nossa fé em Cristo, experimentamos o cumprimento da promessa de Deus da habitação do Espírito Santo em nosso coração: "Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Também porei o meu Espírito dentro de vós e farei com que andeis nos meus estatutos; e obedecereis aos meus mandamentos e os praticareis" (Ez 36.26,27).

Entre os muitos textos bíblicos que eu poderia destacar sobre a vida que flui de nosso coração quando a Palavra o habita ricamente, vale ressaltar a promessa de Deus que encerra o trecho de Provérbios 4.22,23: "Porque [as minhas palavras] são vida para os que as encontram e saúde para o corpo inteiro. Acima de tudo que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida".

O temor a Deus deve habitar nosso coração

Contudo, mesmo frequentando uma excelente igreja evangélica que abrace uma boa teologia e proporcione um consistente ensino da Palavra, isso ainda não nos torna livres completamente de nossa inclinação para a idolatria, e por uma razão muito simples: os ídolos vivem muito próximos a nós. Na verdade, eles moram dentro do nosso coração, como já vimos.

Sabendo dessa inclinação que ainda persiste em nosso ser, o apóstolo João nos adverte em sua carta: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos" (1Jo 5.21). Contudo,

como a idolatria é inerente ao ser humano, não faz sentido apenas nos distanciarmos da realidade palpável ou visível do ídolo. O caminho para a verdadeira libertação da idolatria, de acordo com Ezequiel 14.6-8, é o seguinte: "Portanto dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Convertei-vos e deixai os vossos ídolos; desviai o rosto de todas as vossas abominações. Porque aquele da casa de Israel, ou dos estrangeiros que moram em Israel, que se distanciar de mim e levantar ídolos no coração, e puser tropeço ímpio diante de si, e for ao profeta para me consultar a favor de si mesmo, eu, o SENHOR , haverei de responder-lhe por mim mesmo; e voltarei o rosto contra esse homem".

É como se Deus estivesse dizendo ao profeta: "Não se preocupe. Quando essas pessoas vierem até mim com questionamentos secundários a respeito da vida delas, enquanto mantêm o coração cheio de ídolos, sem qualquer tipo de arrependimento ou desejo sincero de abandoná-los, pode deixar comigo que eu mesmo lhes responderei à altura".

Uma atitude fundamental do homem em relação a Deus é o temor. Assim como o ser humano sempre adorará alguma coisa, assim também, em geral, ele temerá alguma coisa. O grande problema é que muitos têm medo de homens, outros tantos têm medo do Diabo, mas poucos temem verdadeiramente a Deus. A esse respeito, a Escritura é muito esclarecedora quando mostra Jesus dizendo que não devemos ter medo de nada que possa nos fazer mal externamente; antes, devemos temer em nosso íntimo "aquele que pode destruir no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28).

Assim, a pessoa cujo propósito é fugir da idolatria teme o SENHOR do Universo, o único Deus diante de quem todo joelho se dobrará (Rm 14.11,12). Em seu coração, habita verdadeiro temor a Deus e o desejo sincero de agradá-lo em tudo. Contudo, tal como a inclinação à obediência da Palavra é concedida aos que são habitados pelo Espírito Santo da promessa (Ez 36.26,27), assim também o temor de Deus, que nos faz respeitá-lo em todos os nossos caminhos, é uma das maiores bênçãos concedida aos filhos de Deus, mesmo àqueles que vivem em meio a uma cultura idólatra: "Nos teus tempos ele trará estabilidade, plenitude de salvação, de sabedoria e de conhecimento; e o temor do SENHOR será o seu tesouro" (Is 33.6).

Confiantes nessas promessas de Deus, podemos desfrutar de toda a capacitação e graça para vencer a idolatria, ainda que vivamos em uma cultura profundamente idólatra como a atual.

3

A idolatria que resulta de teologia, espiritualidade e ética equivocadas

Neste capítulo, abordaremos três elementos diretamente relacionados à vida prática do cristão: sua teologia, sua espiritualidade e sua ética.

Contudo, primeiro enfocaremos a teologia dos que não adoram a Deus, a espiritualidade dos que negam a Deus e, por fim, a ética dos que praticam uma falsa espiritualidade, constatando como toda essa vivência equivocada da teologia, da espiritualidade e da ética gera a idolatria. Depois, examinaremos um exemplo prático de como esses mesmos elementos distorcidos podem se manifestar na vida daqueles que creem em Cristo, caso permitam que a idolatria interfira em sua devoção a Deus. Por fim, identificaremos a origem comum da idolatria tanto entre os que não creem quanto entre os cristãos e, assim, poderemos reafirmar a necessidade vital de que esses três elementos estejam de acordo com o que Deus revelou em sua Escritura.

Nossa fundamentação para tratar esse tema será o texto clássico de Romanos 1.18-32, cujo versículo 21 apresenta uma excelente síntese do processo de instauração da idolatria no coração dos homens: "... porque, mesmo tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; pelo contrário, tornaram-se fúteis nas suas especulações, e o seu coração insensato se obscureceu".

Antes, porém, de refletirmos sobre a riquíssima descrição desse processo feita por Paulo no texto selecionado, apresentaremos alguns conceitos básicos a respeito dos elementos que orientam a vida de todo homem.

OS TRÊS ELEMENTOS QUE ORIENTAM A VIDA DE TODO SER HUMANO

A *teologia*, definida como "ciência ou estudo que se ocupa de Deus, de sua natureza e seus atributos e de suas relações com o homem e com o Universo", refere-se, em outras palavras, a tudo aquilo em que alguém crê a respeito de Deus, do homem, da natureza, do mundo etc. Assim, todo homem tem sua teologia, a qual, às vezes, desvirtua-se a tal ponto que se torna pura filosofia. Contudo, é na teologia que as pessoas buscam respostas a perguntas existenciais, tais como: "Por que estou aqui?", "Qual é o sentido da vida?", "Para onde vou depois da morte?" etc.

Nesse sentido, a *espiritualidade* decorre da teologia. Assim, se alguém acredita em Deus, confiando nele, acaba lhe prestando culto. Da mesma forma, se a crença de um indivíduo está voltada para a natureza, que a seus olhos é algo que detém em si poderes e forças, esse indivíduo, coerentemente, vai adorar a natureza. Portanto, a espiritualidade nada mais é do que a expressão prática daquilo em que uma pessoa crê, isto é, de sua teologia.

A *ética*, por sua vez, resulta da associação de uma espiritualidade a uma teologia. Da relação entre esses dois elementos são desenvolvidos os valores éticos de cada indivíduo. Um aspecto interessante da ética é o seu relativismo. Para entender melhor o que isso significa, experimente conversar com um grupo de pessoas com diferentes bases teológicas e espirituais sobre assuntos como, por exemplo, sexualidade ou fidelidade a Deus. Não se espante ao perceber as acentuadas discrepâncias de opiniões.

Bem, se a teologia é aquilo em que o homem acredita, se a espiritualidade é a expressão dessa crença e se a ética é o resultado da combinação de ambas, como enquadrar os que se dizem ateus? Os ateístas, apesar de não acreditarem em Deus, ainda assim contam com espiritualidade e ética próprias. Sua espiritualidade tem como fundamento a adoração à humanidade ou a si mesmo, o que, consequentemente, gera padrões e valores éticos determinados pelo ateísmo. A seguir, examinaremos cada um desses elementos na vida dos que não adoram a Deus.

A TEOLOGIA DOS QUE NÃO ADORAM A DEUS

Tendo visto que todos — mesmo os ateus — têm uma teologia, é natural que fiquemos curiosos quanto à teologia dos que não adoram a Deus. Para decifrar esse enigma, nada melhor do que recorrermos ao texto bíblico. Em Romanos 1.18, Paulo diz: "Pois a ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e injustiça dos homens, que impedem a verdade pela sua injustiça". A impiedade é aqui apresentada como algo que se coloca entre os homens e o verdadeiro conhecimento de Deus.

O cristão, aquele que depositou sua confiança unicamente no evangelho de Jesus Cristo e que por isso o adora, é piedoso. Por sua vez, as Escrituras denominam de ímpio a quem ainda não fez isso: "Por causa do seu orgulho, o ímpio não o busca. Deus não está em nenhum dos seus planos" (Sl 10.4). Contudo, mesmo que uma pessoa demonstre aparência piedosa e seja adepta de práticas consideradas piedosas por muitos ao seu redor, se sua teologia não for verdadeira, ou seja, não for fundamentada nas Escrituras, essa pessoa ainda estará perdida na impiedade. A ausência da verdade revelada na Palavra de Deus leva o ser humano a desenvolver sua espiritualidade de maneira pecaminosa e impiedosa, visto que seu coração é, naturalmente, "uma fábrica de ídolos", segundo a célebre afirmação de João Calvino. A impiedade, portanto, é a resistência natural do homem em adorar a Deus ou em adorá-lo do modo adequado.

A Bíblia aponta diversas evidências da impiedade humana, dentre as quais vale a pena destacar ao menos três. Podemos observar a primeira delas em Romanos 1.19, em que Paulo ressalta o fato de o homem não poder negar que é a imagem e semelhança de Deus: "Pois o que se pode conhecer sobre Deus é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou". Outra tradução diz: "Porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta" (ARC). O homem, por mais que negue a existência de Deus ou não queira saber dele, ainda assim não conseguirá ignorar totalmente sua manifestação, pois foi criado à sua imagem e semelhança. Em Romanos 2.14,15, Paulo também escreve: "Porque, quando os gentios, que não têm lei, praticam as coisas da lei por natureza, embora não tenham lei,

tornam-se lei para si mesmos, demonstrando que o que a lei exige está escrito no coração deles, tendo ainda o testemunho da sua consciência e dos seus pensamentos, que ora os acusam, ora os defendem". O homem, portanto, sabe em seu íntimo da existência de Deus; sua consciência aponta para a verdade. Contudo, mesmo sabendo da existência do Criador, ele voluntariamente escolhe ignorá-lo.

A segunda evidência da impiedade humana reside na aparente cegueira do ser humano com relação à existência de Deus. Em Romanos 1.20, Paulo diz: "Pois os seus atributos invisíveis, seu eterno poder e divindade, são vistos claramente desde a criação do mundo e percebidos mediante as coisas criadas, de modo que esses homens são indesculpáveis". A Palavra de Deus também destaca no conhecido salmo 19 que "os céus proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (v. 1). No entanto, apesar das manifestações visíveis de Deus na natureza, o homem propositadamente não o reconhece e, por isso, é indesculpável.

A terceira evidência da impiedade a destacarmos é que o homem escolheu a mentira de Satanás em lugar da verdade a respeito de Deus. Ele optou pela mentira que originou todas as outras mentiras, como podemos ler em Romanos 1.25: "pois [os homens] substituíram a verdade de Deus pela mentira". O texto grego não deixa dúvida de algo essencial: Paulo não está se referindo a qualquer mentira, mas, sim, à mentira apresentada em Gênesis 3.1-5, suscitada pelo "pai da mentira", Satanás, que levou o homem à queda.

Essa impiedade voluntária do homem, mesmo diante da revelação de Deus na natureza, no próprio homem e em sua consciência, trouxe consequências imediatas e terríveis. Como afirma Paulo logo no início do trecho de Romanos que estamos estudando, contra essa "impiedade e injustiça dos homens" se revela a ira de Deus. Esses homens tornam-se nulos, loucos, insanos e insensatos (v. 28-32). Vemos assim que o desejo humano de ser como Deus, conhecedor do bem e do mal, transformou-se em loucura e perdição.

Por esses motivos, a teologia bíblica afirma categoricamente que o homem está condenado, pois não quer enxergar os atributos de Deus expostos na natureza, além de negar a verdade revelada. Ao contrário, prefere adorar a natureza a

reconhecê-la como manifestação da glória de Deus (v. 23,26). Vale frisar que não há desculpa para a persistência dessa impiedade em nenhum ser humano, nem mesmo naquele que vive longe do mundo civilizado e ainda não teve a oportunidade de ouvir a mensagem do evangelho de Jesus Cristo, o redentor. Tanto o culto como o inculto são adoradores de deuses que eles mesmos colocam como obstáculos ao conhecimento do verdadeiro Deus. Com isso, declaram abertamente condescendência com a mentira e a injustiça.

A ESPIRITUALIDADE DOS QUE NEGAM A DEUS

A teologia falsa e enganosa, da qual é adepto todo aquele que não adora ou nega a Deus, produz uma espiritualidade doente, como não poderia deixar de ser. Com sua natural inclinação para a adoração, o homem, ao errar o alvo, torna-se idólatra e, como tal, toma a si mesmo como seu deus número um. Assim, seu dia a dia pode ser bem definido pelos versos da canção: "Eu me amo, eu me amo — não posso mais viver sem mim".

Os homens nessa condição fazem de objeto de culto tudo o que está relacionado a eles próprios e, com isso, suas práticas em diversas áreas da vida revelam-se loucas, enganosas e irracionais, "pois substituíram a verdade de Deus pela mentira e adoraram e serviram à criatura em lugar do Criador" (Rm 1.25). Todos os outros falsos deuses, o dinheiro, a riqueza, o poder, o sexo, são cultuados com o objetivo de servir ao deus "maior", o próprio homem. Além disso, suas manifestações culturais, tendo como referência a si mesmo e seus deuses falsos, são cada vez mais insanas, e parece não haver limite para tanta loucura. Desse modo, a espiritualidade distorcida leva o homem à ingratidão, à loucura e à autoadoração cada vez maiores (Rm 1.28-32).

A ÉTICA DOS QUE PRATICAM A FALSA ESPIRITUALIDADE

É comum que, em muitos aspectos fundamentais, as pessoas com uma falsa espiritualidade desenvolvam visões equivocadas. A respeito da vida após a morte, por exemplo, uns acreditam que encarnarão em outros seres, enquanto outros creem que se tornarão anjos. Mas, na verdade, segundo o que as Escrituras

revelam, quem é humano na terra continuará sendo humano após sua ressurreição. Foi assim que Deus nos fez, e essa é nossa essência. Além disso, entre a vida na terra e a vida no céu a Bíblia afirma que haverá um julgamento (Hb 9.27; Jo 5.28,29). Naturalmente, a ética dos que creem nessas realidades reveladas pela Palavra de Deus é profundamente influenciada por elas.

Em contrapartida, uma espiritualidade equivocada leva, obviamente, a uma ética também equivocada. Dentre as muitas manifestações dessa ética distorcida, creio que uma das mais evidentes se revela na sexualidade humana. Relatos históricos mencionam, por exemplo, a existência da prostituição cultual, isto é, uma forma de adoração realizada em templos a fim de agradar uma divindade pagã. Esses e outros exemplos evidenciam os desvios éticos oriundos da espiritualidade falsa, a qual, por sua vez, se baseia numa teologia falsa.

O apóstolo Paulo, para ressaltar os efeitos de uma espiritualidade falsificada, apresenta um exemplo que, para mim, embora não seja o único, é o mais significativo de todos no que se refere ao afastamento do homem de seu Criador. Em Romanos 1.26,27, Paulo toca no ponto central do desvio ético refletido na sexualidade: "Por isso, Deus os entregou a paixões desonrosas. Porque até as suas mulheres substituíram as relações sexuais naturais pelo que é contrário à natureza. Os homens, da mesma maneira, abandonando as relações naturais com a mulher, arderam em desejo sensual uns pelos outros".

Por meio de um abominável processo de aprofundamento na idolatria, a expressão mais clara de rebeldia contra Deus, o homem chega a negar por completo o Criador. É como se, na prática, dissesse a Deus: "Eu me recuso a ser aquilo que o SENHOR me criou para ser". Em outras palavras, o homem se recusa a ser criatura; ao contrário, ele se coloca no lugar de Deus e subverte, segundo sua própria vontade, a natureza criada. Novamente vemos que uma teologia e uma espiritualidade falsificadas são as principais responsáveis por esse agravamento da idolatria.

Nos dias atuais, essa visão equivocada suscita afirmações cada vez mais comuns em nossa sociedade: "Sou homem, mas dentro de mim mora uma alma de mulher". Trata-se de um pensamento corrente que explicita uma teologia e uma espiritualidade. O homossexual que se traveste ou se submete a uma cirurgia para

trocar de sexo não deixará de ser homem ou mulher, pois Deus o criou desta ou daquela maneira. Contudo, a sociedade, sobretudo a atual, sucumbe cada vez mais a essa falsa ética cuja origem está em uma espiritualidade falsa.

EXEMPLO DE TEOLOGIA, ESPIRITUALIDADE E ÉTICA EQUIVOCADAS ENTRE CRISTÃOS

A respeito do tema da idolatria, em 1Coríntios 10.14, Paulo é bastante incisivo em sua instrução aos cristãos: "Portanto, meus amados, fugi da idolatria". O contexto mais amplo da passagem diz respeito ao escândalo causado pelo fato de que alguns na igreja de Corinto estavam comprando e consumindo carne sacrificada a ídolos. Assim como ocorria em muitas cidades do Império Romano, os donos de açougues em Corinto tinham em geral o compromisso de primeiro oferecer aos ídolos a carne que vendiam. Só depois do seu ato de idolatria é que o comerciante vendia a carne, e não eram poucos os seus clientes.

Essa prática pagã, originada em uma teologia e espiritualidade equivocadas, começou a gerar problemas e divisões mesmo entre os cristãos daquela cidade. Alguns indivíduos se sentiam condenados em sua consciência quando consumiam esse tipo de carne (1Co 8.7), ou se escandalizavam quando viam outros irmãos consumindo-a (1Co 8.12), enquanto outros não se sentiam em nada condenados por fazer isso (1Co 8.10), sentindo-se, portanto, tolhidos em sua liberdade por aqueles de consciência mais sensível (1Co 10.29). Então, naturalmente, surgiram conflitos entre esses dois tipos de cristãos na igreja de Corinto.

Em sua carta, Paulo a princípio evita se posicionar de modo categórico a respeito desse conflito de opiniões. Na visão do apóstolo, saber quem estava certo era uma questão secundária. Para ele, havia algo muito mais importante a ser defendido: a unidade do corpo de Cristo. Paulo, então, apela ao bom senso da comunidade para que o consumo de carne sacrificada aos ídolos não cause divisão entre os crentes. Após recomendar que os coríntios de fato fujam da idolatria, o apóstolo continua a ensiná-los: "Digo isso a pessoas sensatas; julgai vós mesmos o que digo. Acaso o cálice da bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? Acaso o pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Há

somente um pão, e nós, embora muitos, somos um só corpo, pois todos participamos do mesmo pão" (1Co 10.15-17). Assim, apenas depois de reafirmar o que de fato era essencial no convívio entre os cristãos, Paulo põe um ponto-final nessa polêmica sobre se os crentes de Corinto deveriam ou não comer carne sacrificada aos ídolos. Segundo ele, desde que isso não causasse escândalo a outra pessoa, não havia problema algum em consumir o alimento (v. 25,26).

Em suma, Paulo alertou aqueles irmãos em Corinto para o fato de que comer ou não comer carne sacrificada aos ídolos era o menos importante. Por si só, essa prática não consistia em um ato de idolatria. O que de fato contava era a manutenção da unidade da igreja por meio do Espírito Santo — unidade que deveria ser praticada com a participação amorosa na ceia do SENHOR . Ele assegurou que de nada adiantava alguém se preocupar tanto com uma questão de ordem menor se isso o fizesse odiar o irmão que também participava da ceia. O fundamental era manter a unidade do corpo de Cristo. Por isso, mais adiante, ele diz: "Examine, pois, o homem a si mesmo, e dessa forma coma do pão e beba do cálice" (1Co 11.28). Paulo, na verdade, está afirmando: tome a decisão de não odiar ou de não desprezar mais seu irmão, e então coma do pão e beba do cálice (v. 22). Se proceder de forma contrária a isso, você não estará discernindo o corpo (v. 27).

Portanto, de acordo com o ensino do apóstolo nessa carta, a ceia do SENHOR não é uma questão de opção, e sim um imperativo, uma obrigação que reafirma constantemente a união do corpo de Cristo. Desse modo, a ética essencial dos cristãos no convívio da igreja é assegurada por meio de uma contínua atitude de devoção a Cristo e uns aos outros.

Um entendimento incorreto dessa e de outras questões essenciais ao convívio cristão pode levar a uma confusão de práticas que evidenciam uma teologia e espiritualidade equivocadas, as quais podem, elas sim, levar à idolatria. Há, por exemplo, pessoas que equivocadamente associam a instrução de Paulo com relação à ceia às palavras de Jesus em Mateus 5.23,24: "Portanto, quando apresentares tua oferta no altar, se ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa diante do altar a oferta e vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; depois vem apresentar a oferta". No entanto, a ceia em nada se relaciona

com altar, muito menos com oferta. Não estamos ofertando nada a Deus durante a ceia. Nela participamos juntos, em espírito de amor e gratidão, de uma oferta a Deus que já foi realizada pela entrega de Cristo em favor de todos os que hoje compõem o seu corpo, a igreja.

UMA REFLEXÃO IMPORTANTE

Ao ler o que escrevi até aqui, neste capítulo, alguém poderia me perguntar: "Então se eu tiver a teologia correta não vou mais pecar?". Não; mesmo com uma teologia correta, você continuará suscetível ao pecado. A questão que pretendi ressaltar neste capítulo é que esses três elementos estão profundamente relacionados com o surgimento da idolatria tanto nos que não creem quanto nos cristãos. Como foi dito no capítulo 2, para que o homem possa vencer a idolatria, é necessário que o próprio Deus intervenha em seu coração de um modo muito profundo. E o mesmo pode ser dito em relação a qualquer pecado em sua vida.

Outra pessoa também poderia me perguntar: "E se eu não tiver uma teologia correta, o conhecimento do Deus verdadeiro, vou cometer os piores pecados?". Não necessariamente, pois sabemos, com base em exemplos bíblicos, que pessoas com conhecimento de Deus cometeram pecados que poderiam chocar até mesmo pessoas que não creem no verdadeiro Deus. Paulo faz menção de algo assim acontecendo, por exemplo, na própria vida de alguns membros da igreja de Corinto, segundo o que ele afirma em 1Coríntios 5.1.

Com base na resposta anterior, alguém poderia me perguntar: "Então, mesmo se eu tiver uma teologia errada, poderei praticar a verdadeira espiritualidade?". Nesse caso, porém, posso dizer com toda a certeza que não, pois a verdadeira espiritualidade é fruto da Palavra de Deus, que traz a compreensão de tudo o que ele fez por nós através de Cristo, e não de alguma virtude natural (1Pe 1.23-25). Embora o conhecimento de Deus por si só não garanta que não venhamos a cometer pecados contra Deus, o desprezo por esse conhecimento certamente influenciará negativamente nossa espiritualidade.

Considerando todas essas questões, o que então devemos fazer? Devemos persistir em crescer na verdadeira espiritualidade, que se consolida em uma teologia verdadeira, a qual, por sua vez, é originada na Escritura. Com base nisso,

devemos praticar a ética verdadeira que se reflete em nossa sexualidade, no amor ao próximo, no uso de nossas palavras, na avaliação das motivações do nosso coração, no respeito às leis e às autoridades colocadas por Deus em nossa vida (pais, chefes, governantes) etc. Contudo, como reafirmaremos a seguir, não podemos nunca perder de vista qual tem sido a origem comum de toda a rebelião dos homens contra Deus ao longo da história.

A ORIGEM COMUM DA IDOLATRIA ENTRE OS QUE CREEM E OS QUE NÃO CREEM

Após refletirmos sobre a distorção da teologia, da espiritualidade e da ética entre os que não creem, a qual pode ocorrer até mesmo entre cristãos, nunca é demais lembrar quem de fato é o maior provocador da idolatria, para que assim não foquemos em alvos secundários. Em 1Coríntios 10.18, o apóstolo questiona: "Observai o povo de Israel: por acaso os que comem dos sacrifícios não são participantes do altar?". O altar a que Paulo se refere nesse versículo é o de Israel, onde sacrifícios eram feitos e depois comidos por aqueles que os ofereciam. Ele prossegue assim em seu argumento: "Será que estou dizendo que aquilo que é sacrificado ao ídolo é alguma coisa? [Paulo está se referindo às carnes sacrificadas aos ídolos] Ou que o ídolo é alguma coisa? Não! Antes digo que as coisas que eles sacrificam, sacrificam-nas a demônios, e não a Deus. E não quero que tenhais comunhão com os demônios" (v. 19,20). Então, no versículo 21, Paulo se concentra no que de fato é relevante em relação à idolatria: "Não podeis beber do cálice do SENHOR e do cálice de demônios. Não podeis participar da mesa do SENHOR e da mesa de demônios".

Dessa maneira, ao ensinar qual deveria ser a atitude dos cristãos no convívio uns com os outros, Paulo se volta categoricamente para o verdadeiro responsável pelo mal no seio da igreja: Satanás. Nós que constituímos a igreja hoje não podemos nos esquecer de que o Diabo começou sua provocação há muito tempo, no Jardim do Éden, e é ele quem, de forma direta, objetiva ou não, sempre está por trás da idolatria do ser humano. Ele é quem continua buscando minar a confiança dos homens em Deus e a confiança dos homens naqueles que estão ao seu redor. É ele também que leva aqueles que não estão na igreja a frequentar

lugares abomináveis, a prestar culto a outros deuses e a se corromper cada vez mais em um processo que tem por fim sua destruição (Jo 10.10).

A sagacidade de Satanás para estimular à idolatria é milenar. Como pai da mentira, ele sempre estimula o ser humano a se apegar à mentira e a menosprezar a verdade revelada de Deus. Isso começou em Gênesis 2, que registra sua primeira atuação. Naquela ocasião, Deus disse claramente: "... porque no dia em que dela [árvore do conhecimento do bem e do mal] comeres, com certeza morrerás" (Gn 2.17). Contudo, Satanás o contradisse: "Não é nada disso! Você não vai morrer". Essa foi a primeira e mais terrível mentira. E assim, como no princípio, toda vez que o homem abandonar o que foi dito por Deus para dar ouvidos ao que Satanás diz, a idolatria dará seus frutos amargos novamente.

4

A loucura da idolatria e o que Deus espera de nós

Como pudemos ressaltar ao longo dos capítulos deste livro, a ira de Deus é a consequência inevitável para todos os que permanecem na idolatria, desprezando todos os recursos que Deus graciosamente oferece para que ela possa ser vencida. O apóstolo Paulo, em Romanos 8.13, também afirma: "Porque, se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as práticas do corpo, vivereis".

A idolatria, portanto, é coisa muito grave aos olhos de Deus. Devemos atentar para essa advertência de Paulo, que claramente ecoa o "certamente morrerás" de Gênesis 2.17. Como conclusão de todo o trecho em que discorre acerca da idolatria, em Romanos 1.32 o apóstolo escreve: "Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem" (ARA).

A LOUCURA DA IDOLATRIA EM UMA ANEDOTA (Is 44.14-20)

> Um homem corta cedros, ou pega um cipreste ou um carvalho; assim escolhe dentre as árvores do bosque. Planta um pinheiro, e a chuva o faz crescer. Isso serve para o homem queimar; toma uma parte da madeira e com ela se aquece; acende um fogo e assa o pão; também faz um deus e se prostra diante dele; fabrica uma imagem de escultura e se ajoelha diante dela. Ele queima a metade no fogo, e com isso prepara a carne para comer; faz um assado e dele se farta; depois se aquece e diz: Ah! Já me aqueci, já experimentei o fogo. Então com o resto faz um deus para si, uma imagem de escultura. Ajoelha-se diante dela,

> prostra-se e dirige-lhe sua súplica: Livra-me, porque tu és o meu deus. Nada sabem nem entendem, porque seus olhos foram fechados para que não vejam, e o coração, para que não entendam. Nenhum deles pensa. Não têm conhecimento nem entendimento para dizer: Queimei metade no fogo e assei pão sobre as suas brasas; fiz um assado e dele comi; e faria eu do resto uma abominação? Eu me ajoelharei diante do pedaço de uma árvore? Ele se alimenta de cinza. O seu coração enganado o desviou, de maneira que não pode livrar a sua alma, nem dizer: Não é mentira isto que está na minha mão direita?

Essa é uma triste anedota contada pelo profeta Isaías. Nela o homem usa algo destinado apenas a suas necessidades diárias de sobrevivência para construir um deus. Na cegueira provocada pela idolatria, do mesmo material usado para cozinhar o alimento ele faz um deus e começa a adorá-lo. Essa insanidade o impede de perceber que aquele deus não passa da madeira que havia sido usada para que ele se aquecesse, cozinhasse etc.

Ao longo da história, o homem, sempre em busca de sua autonomia, considerou-se sábio e capaz; contudo, em vez de autônomo, tornou-se cada vez mais cativo pela idolatria. Ainda que em sua autoadoração acreditasse ser um deus, ele na verdade apenas se degradou, ficando cada vez mais sem entendimento, até perder qualquer senso da realidade. Seu nível de loucura chegou a tal ponto que ele passou a ser capaz de adorar coisas sem nenhuma vida, como um simples pedaço de madeira.

No século 21 as coisas não são diferentes. O ser humano, depois de ter dominado a natureza e de a ter administrado tão mal, contrariando o mandato que recebera de Deus quando ainda vivia no Éden, agora posa de defensor do meio ambiente. Ele agora se sente mais "evoluído" por já não cortar tantas árvores como fazia o homem da anedota de Isaías, até mesmo para construir os seus ídolos. Mas, apesar da grande distância cultural que separa o homem antigo do homem moderno ou pós-moderno, tanto um quanto outro podem ser igualmente definidos como idólatras. O que muda apenas são os objetos que são transformados em deuses para serem cultuados.

O QUE DEUS ESPERAVA NO PRINCÍPIO

E AINDA ESPERA HOJE DO HOMEM

O homem foi criado à imagem e semelhança de Deus, com a habilidade de *crer, confiar* e *obedecer*. No entanto, com a Queda, após ceder voluntariamente à investida de Satanás, o homem perdeu essas habilidades que antes lhe eram naturais. Apesar disso, com a regeneração realizada pela ação do Espírito Santo no coração dos que creem em Jesus Cristo, novamente Deus espera que estes ponham em ação cada uma dessas três habilidades. Aqui é importante estabelecer o que cada uma dessas palavras significa.

Crer. Se alguém em São Paulo me perguntasse hoje de manhã: "Mauro, você acredita que estará à tarde em Fortaleza?", eu diria que acredito. Posso crer assim porque uma passagem de avião foi comprada, existe uma aeronave e um piloto, creio que esse piloto está habilitado a voar, que o avião tem combustível suficiente e não vai cair etc. Essa crença é fruto de vários elementos, do testemunho de outros que já fizeram isso ou da experiência própria de tê-lo feito. Por essas razões, eu creio. Existe aí o elemento tácito de ter crescido e aprendido que existem certas coisas em que se pode crer.

Por sua vez, uma pessoa que nunca teve contato com a realidade de que existe uma máquina capaz de voar, ou jamais ouviu falar a respeito, certamente terá maior dificuldade para crer em uma viagem como essa. Contudo, em relação a Deus, isso não acontecia com o primeiro casal, pois ambos conviviam com o Criador e se relacionavam com ele diária e constantemente. Eles sabiam que Deus existia. Nesse sentido, o mero conhecimento da existência de Deus não é fé. Segundo Tiago, "até os demônios creem e tremem" (Tg 2.19). Hoje, como filhos de Deus que receberam no coração o Espírito do Filho, o qual testemunha de modo tão claro e íntimo: "Aba, Pai", podemos crer naquele que hoje novamente caminha conosco como fazia no jardim do Éden.

Confiar. Confiar vai um pouco além do que crer, pois envolve certo grau de submissão e vulnerabilidade de quem confia. De fato, qualquer um pode crer em Deus e saber de sua existência pelo próprio testemunho da criação de que fala o salmo 19. A confiança, por sua vez, exige um envolvimento mais pessoal com esse

Criador. Nesse sentido, a confiança que podemos ter como filhos de Deus está fundamentada em uma revelação muito mais completa do amor que ele tem especialmente por nós: "Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Rm 8.32).

Obedecer. Obedecer significa demonstrar na prática a confiança que se tem. Ninguém obedece plenamente se não confia em quem lhe dá ordens. Isso ficou explícito na desobediência à ordem de Deus pelo primeiro casal, que cedeu às insinuações de Satanás a respeito da confiabilidade de Deus. Hoje, mesmo em nosso coração regenerado, há ainda espaço para a mesma desconfiança, mas a capacitação que nos é dada pelo Espírito Santo nos torna novamente aptos a obedecer a tudo o que Deus nos ordena: "Também vos darei um coração novo e porei um espírito novo dentro de vós; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne. Também porei o meu Espírito dentro de vós e farei com que andeis nos meus estatutos; e obedecereis aos meus mandamentos e os praticareis" (Ez 36.26,27).

No entanto, mesmo aquele que é nascido de Deus pode ainda se julgar, em certas situações, muito mais inteligente e capaz do que seu Criador. Todas as vezes em que Deus diz em sua Palavra: "Filho meu, o homem de Deus deve viver de tal maneira...", sempre haverá ocasiões em que parecerá a esse filho que sua própria forma de agir é melhor do que a direção que recebeu de seu Pai. Quando pensamos dessa maneira, pecamos, pois desconfiamos de Deus e confiamos em nós mesmos. Nesses momentos, precisamos admitir nossa culpa e nos voltarmos para Deus arrependidos e confiantes de seu perdão, como expressa o profeta Isaías até mesmo àqueles que ainda vivem na impiedade: "O ímpio deve deixar o seu caminho, e o homem mau, os seus pensamentos; volte-se para o SENHOR , que se compadecerá dele; volte-se para o nosso Deus, porque ele é rico em perdoar" (Is 55.7).

Nesse ponto de nossa reflexão, vale recordar o propósito último para o qual fomos criados e que representa o nosso chamado maior: adorar a Deus. Como cristãos do século 21, precisamos entender que glorificamos a Deus à medida que

lhe obedecemos e cumprimos sua vontade. Não o glorificamos somente quando dizemos "Glória a Deus!". Como já foi dito, é possível proferir essas palavras com os lábios sem cumprir nada do que ele ordenou. Desse modo, a glória que devo dar a Deus com meus lábios deve ser equivalente à glória reproduzida na minha obediência ao que ele ordena em sua Palavra, na confiança que nele deposito e na crença absoluta de que ele é o Criador onipotente e soberano.

Para se aprofundar no tema

BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora* (São Paulo: Vida Nova, 2014).

FITZPATRICK, Elyse. *Ídolos do coração* (São Paulo: Vida Nova, 2017).

FONTES, Filipe. *Você ensina de acordo com o que você adora* (São Paulo/São José dos Campos: ACSI/Fiel, 2017).

FOSTER, Richard. *Dinheiro, sexo e poder* (São Paulo: Mundo Cristão, 1988).

JONES, Peter. *A ameaça pagã: velhas heresias para uma nova era* (São Paulo: Cultura Cristã, 2002).

_____. *O deus do sexo: como a espiritualidade define a sua sexualidade* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007).

_____. *Verdades do evangelho x mentiras pagãs* (São Paulo: Cultura Cristã, 2007).

POWLISON, David. *Ídolos do coração e feira das vaidades* (Brasília: Refúgio, 1996).

MAURO MEISTER é graduado pelo Seminário Presbiteriano do Sul — extensão Goiânia, mestre em teologia exegética do Antigo Testamento pelo Covenant Theological Seminary, nos EUA, e doutor (Ph.D.) em línguas semíticas, com especialização em Hebraico, pela Universidade de Stellenbosch, na África do Sul. Atua no campo da educação básica como Diretor Executivo da Associação Internacional de Escolas Cristãs (ACSI) e é diretor do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper.